

A esperança de chegar ao terceiro grau

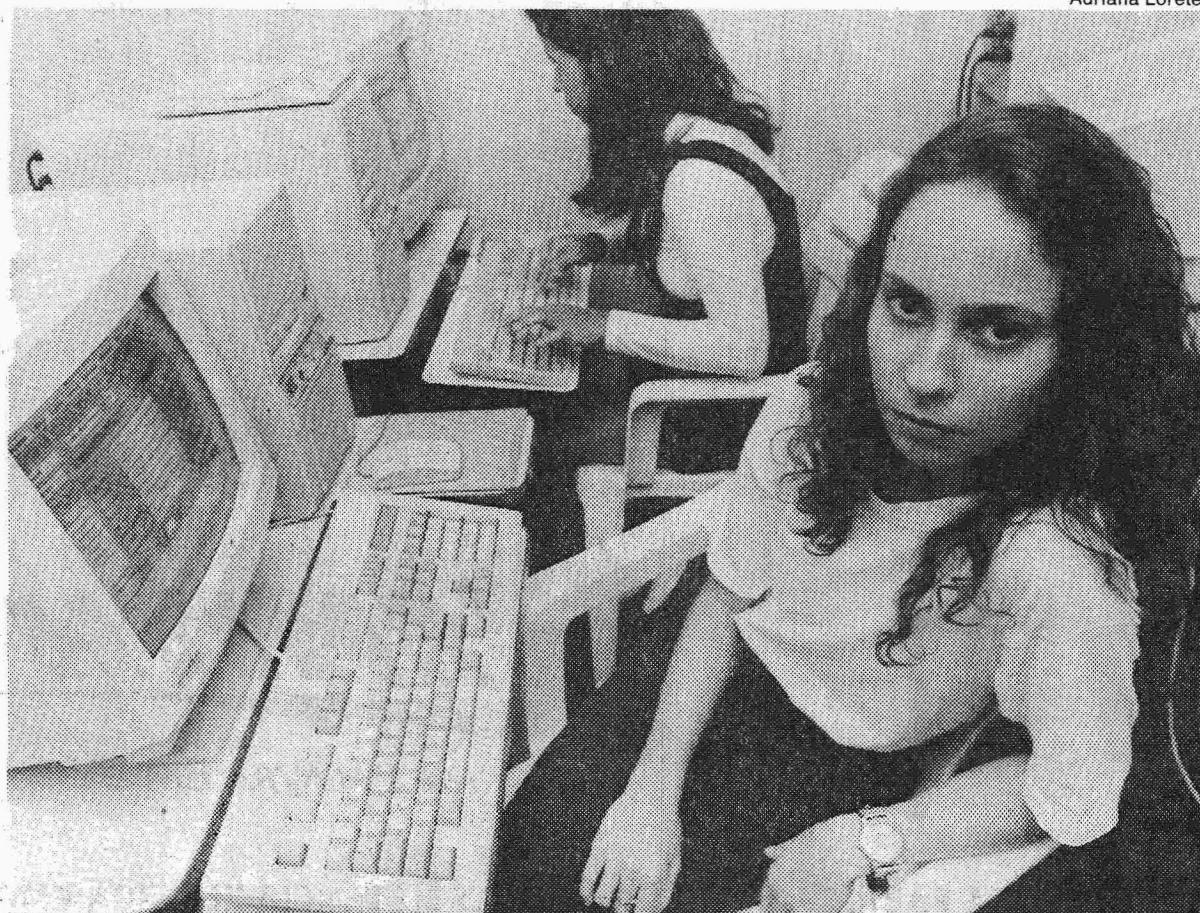
Para Luciane de Melo Moreira, de 20 anos, a esperança de cursar uma universidade é a última que morre. Aluna do Colégio Estadual Central do Brasil, no Méier, até 1994, ela já pensava assim quando conversava com as amigas que estudavam em escolas particulares e percebia que sabia menos. Também aprendia menos pois, com o colégio em obras quando cursava o terceiro ano, só tinha aulas uma semana sim, outra não. No ano anterior, perdia um dia de aula por semana pelo mesmo motivo.

E não foi por falta de motivos que repetiu de ano duas vezes. Também não passou nem para a segunda fase dos vestibulares de Direito que prestou para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e para a Universidade do

Estado do Rio de Janeiro (Uerj), em 1995.

“Não fiz cursinho nem provas para as faculdades particulares porque sabia que não poderia pagar”, conta Luciane, que mora em Quintino e é filha de um motorista e uma dona-de-casa. Desempregada, ela acaba de iniciar um curso de Informática para arranjar um emprego em algum escritório e garantir o pagamento de uma universidade particular. “Desta vez não vou tentar as públicas. Já não tenho base e ainda estou sem prática porque parei de estudar...”, lamenta.

Antes de estudar no Colégio Estadual Central do Brasil - que este ano só classificou um dos 26 alunos que inscreveu no vestibular da UFRJ e outro dos 36 que inscreveu na Uerj — Luciane foi aluna da Escola Municipal Osvaldo Teixeira. Agora longe dos livros, o sonho de se tornar advogada ficou mais distante. “Gosto de Direito, mas nem sei se dou para a profissão”, diz, sem deixar de requentar a esperança.



Reprovada em vestibulares para universidades públicas, Luciane quer cursar uma faculdade particular